

Coletivo *No Hay Frontera* e o Hip Hop como ferramenta para a integração latino-americana

Mano Zeu*

Um breve relato sobre minha trajetória no movimento Hip-Hop de Foz do Iguaçu, Paraná

Eu sou o Mano Zeu, dj, poeta e agitador cultural, natural de Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Iniciei minha caminhada no movimento hip-hop no final dos anos 90 na Favela do Jd. Paraná, na zona norte de Foz do Iguaçu. Nesse texto narrarei minha experiência com os coletivos de hip-hop que participei, atividades desenvolvidas e formas de atuação de cada um deles. Também falarei um pouco sobre o Hip-Hop das Três Fronteiras, intercâmbios culturais com nossos países vizinhos. Foz do Iguaçu faz fronteira com Ciudad Del Este (Paraguai) e Puerto Iguazu (Argentina) o que fez com que o hip-hop local tomasse características próprias numa mescla de culturas e idiomas.

O Hip-Hop como movimento político-cultural está presente em toda América-Latina e Caribe. O Brasil ocupa um espaço de bastante visibilidade pela força organizativa que o movimento desenvolveu por estas terras. Dos 27 estados brasileiros, o Paraná ocupa o terceiro lugar no que tange a adesão ao Movimento Hip-Hop, ficando atrás somente de São Paulo e Brasília. Para além da capital Curitiba, várias cidadezinhas do interior têm seus coletivos organizados, grupos de rap, de grafite, *break* e djs, trazendo a cultura negra para o palco das discussões sociais nesse estado de forte imigração europeia. Grandes eventos foram realizados por aqui como o Festival Internacional de Hip-Hop (Curitiba), River Games Festival (Foz), Festival Rap é o Som (Campo Mourão), Espaço do Rap Paraná (Toledo), Semana do Hip-Hop (Maringá), Festival de Inverno Hip-Hopando (Cascavel), entre muitos outros.

Em Foz do Iguaçu, os coletivos de Hip-Hop começaram a se organizar no final dos anos 90 e tiveram na inauguração da Pista Pública de Skate em 1999 o tiro inicial do movimento na cidade. De lá pra cá surgiram muitos coletivos com propostas e formas de trabalhos diversos. Eu tive a oportunidade de participar de vários deles. Ali no final dos 90's, a gente fundou o Cartel do Rap. Esse foi o coletivo de maior atividade e

* Dj, rapper, poeta e agitador cultural, natural de Foz do Iguaçu – Paraná, Brasil.
E-mail: manozeu_rap@hotmail.com

longevidade na cidade finalizando os trabalhos em 2010. Eventos, encontros, ocupações, estúdio comunitário, grife, fanzines, oficinas, fóruns e outras atividades foram realizadas nesses treze anos de estrada. Os encontros como 'Rap na Quebrada' e 'Rap in Foz' fizeram uma verdadeira cartografia periférica passando por praticamente todos os bairros da cidade com o som na rua no estilo *sound system*. O Fanzine¹ do Cartel do Rap teve 58 edições, divulgando a agenda do coletivo e a literatura periférica, escritores, poetas, entrevistas, ensaios fotográficos, em material impresso e de livre circulação, numa época em que a internet não chegava à quebrada. Uma das características do Cartel do Rap foi a forte presença feminina, o que não aconteceu nos demais coletivos de hip-hop da cidade, que eram formados somente por homens (com raras exceções). No Cartel, além de *b.girls*, grafiteiras e djs, havia vários grupos formados só por mulheres, como M.A do Gueto, MDK Minas da Kebrada, Guerreiras da Periferia, a mc de batalhas de rima Mina E, e a Carol, que trabalhava na produção dos fanzines e na organização de eventos, entre muitas outras minas.

Com o fim do Cartel do Rap viemos formar o Coletivo Frontera Hip-Hop em 2010, que ficou em atividade até 2012. Esse coletivo tinha a proposta de trabalhar junto aos movimentos sociais. Participamos da reformulação do Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Foz do Iguaçu, das conferências de comunicação, cultura e juventude, atos públicos pela reforma agrária e moradia, e estivemos juntos nas primeiras atividades da UNILA – Universidade da Integração Latino-Americana, que acabava de chegar a Foz do Iguaçu.

Em 2012, com o fim do Frontera Hip-Hop, a gente formou o coletivo Família Zona Norte. Foi um coletivo bastante bairrista e a proposta era desenvolver o hip-hop no bairro Cidade Nova. A gente trabalhava com organização de eventos, como o clássico 'Tributo ao Sabotage', oficinas, hortas comunitárias e participamos da criação da Biblioteca Comunitária do Cidade Nova. A Biblioteca foi inaugurada com a presença do rapper GOG, um dos nomes de destaque no cenário do Movimento Hip-Hop nacional, que veio para Foz do Iguaçu para participar de atividades junto a UNILA e numa parceria fez parte da inauguração da Biblioteca do CNI. A Família Zona Norte teve uma atuação bem focada no cotidiano do bairro, trabalhando junto com o pessoal do Centro Cultural CNI, Associação de Moradores, Clube de Mães, Escolas e com a galera do esporte.

Foz do Iguaçu está estrategicamente localizada na fronteira entre Paraguai e Argentina e há algum tempo o Hip-Hop local faz um intercâmbio de integração com os

¹ Fanzine, ou simplesmente Zine, são publicações alternativas de textos e imagens geralmente feitas através de xerox e distribuídas para um público específico. No caso do fanzine do Cartel do Rap ele era distribuído nos eventos de hip-hop, pelos bairros e escolas das periferias.

hermanos e *hermanas* dos países vizinhos. Em 2004 organizamos junto à Casa do Teatro e Family Roots o 1º Encontro de Hip-Hop na Fronteira, tendo uma segunda edição em 2006, reunindo militantes do Hip-Hop dos três países. Organizamos ainda batalhas de *break* das Três Fronteiras e participamos de atividades junto ao coletivo paraguaio DivagArte. Na Argentina participei de atividades junto ao grupo de rap guarani *Hae Kuera Ñande Kuera*, que manda rima no idioma nativo e em espanhol, na luta pela retomada de suas terras. O iguaçuense Dj Caê, membro fundador do MH2I (Movimento Hip-Hop Iguaçuense) comandava um programa de rap numa rádio paraguaia. O epopeico ‘La Onda’ na rádio 103.5 ia ao ar aos domingos e podia ser sintonizado em Foz do Iguaçu.

Depois de todo esse percurso e com o fim da Família Zona Norte em 2014, eu me encontro totalmente envolvido com a luta pela integração latino-americana. Mesmo não sendo universitário, tive uma atuação bastante presente nas questões da UNILA, seja com os projetos de extensão na Biblioteca Comunitária CNI², semanas acadêmicas, calouradas e movimentos estudantis. É nesse contexto que nasce o Coletivo No Hay Frontera depois de participar na organização do Erecs Sul em Foz do Iguaçu em junho de 2014. O Coletivo No Hay Frontera surge do desmonte da educação brasileira, dos cortes de auxílios e do fechamento das moradias estudantis da UNILA. Em 2014 o venezuelano Angel Cristhofer perdeu o auxílio estudantil e pousou no Cidade Nova junto com sua companheira Naiá Carvalho onde ficaram vivendo na casa coletiva que viemos chamar de ‘La Comuna’. Angel vem do movimento hip-hop venezuelano e aqui na Comuna ele criou o ‘beat flauta’, onde faz *Beatbox* ao mesmo tempo em que toca uma flauta indígena. Essa sonoridade fez parte das produções musicais do coletivo, que busca desenvolver um hip-hop de identidade latino-americana e caribenha. Depois de Angel foi a vez do haitiano Johnny Le Majeste, que foi expulso da Moradia 1³ da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e veio a ancorar na Comuna. Johnny faz parte do movimento de poesia *slam* do Haiti, além de ser escritor, performer, radialista e rapper. Na Comuna ele gravou disco onde canta em crioulo e francês haitiano e portunhol. Depois foi a vez do venezuelano Jecke aportar por aqui. Já estávamos juntos desde o Erecs Sul e participamos de atividades nas ocupações das moradias estudantis e da universidade, além de participar de movimentos como a Marcha da Maconha das Três Fronteiras, Marcha da Diversidade e participação em

² A Biblioteca Comunitária CNI (Cidade Nova Informa) é um espaço cultural criado por moradores do bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu no ano de 2012. Trabalha no intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores através de ações de promoção de cidadania, educação, cultura, comunicação, esporte, etc.

³ Moradia 1 era onde os estudantes moravam, uma ação que fazia parte das políticas sociais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

saraus e atividades da Biblioteca Comunitária do CNI. De tanto tempo que ele passava na Comuna acabou ficando. Depois foi a vez do Mano Magrinho. Ele frequentava o espaço já há algum tempo, participando dos ensaios abertos, shows e gravando suas músicas no Estúdio Comunitário da Comuna. Magrinho cresceu em orfanato e depois foi migrando de casa em casa até vir morar aqui. De um talento ímpar para escrever e cantar rap, ele mescla rock, reggae, samba e outras sonoridades ao seu repertório. Depois chegou o colombiano Santiago Gomez Gonzalez, multiartista de rua, malabarista, artesão, poeta e rapper, Santiago agregou ao coletivo todo seu conhecimento de ter percorrido de mochilão vários países da América Latina e trouxe também a sonoridade afro-indo-colombiana com seus instrumentos de sopro e percussão que ele mesmo fabrica. Depois veio o paraguaio El Hippi, que conheci no Paraguai em um encontro de Hip-Hop. Exímio rimador, participante de batalhas de rima, mestre de cerimônias que escreve letras em vários idiomas incluindo o guarani.

La Comuna como casa coletiva de hip-hop foi um guarda-chuva que abrigou essa galera imigrante, viajante, sem teto, sem auxílio e com muita disposição e força criativa. Por aqui demos continuidade ao Estúdio Comunitário Eco⁴ onde gravamos muita gente de vários países como o colombiano Almandade, o chileno Pipe Yogi e a trupe argentina Circo Kamikaze⁵. Plantamos uma horta coletiva e a convivência com pessoas de vários países culminou na criação do Laboratório Culinário da Comuna. Nessa cozinha latino-caribenha é onde fazemos nossas experimentações e mezclamos temperos, sabores e saberes do nosso continente. Essa ideia surgiu a partir do experimento de cozinha coletiva ofertada pelo pessoal da Biblioteca Comunitária do Cidade Nova. Montada aos fundos da casa do Seu Zé e Dona Lidionete⁶, os estudantes e moradores do bairro puderam juntar ingredientes para cozinhar juntos e ali se achegavam pessoas de vários países. Essa vivência fortaleceu a luta de reivindicação de um restaurante universitário/popular que contemple a todos e que abarque a culinária da América-latina, Caribe e África. Outro empreendimento foi a criação de um pequeno selo de produção literária. O selo Capivara Preta/Kapivara Kartonera⁷ produz livros

⁴ O Estúdio Comunitário Eco é um estúdio comunitário de ensaio e produção musical. Localizado no bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu, é gerenciado pelo Coletivo No Hay Frontera e faz parte das atividades da casa coletiva *La Comuna*.

⁵ Circo Kamikaze é uma trupe de artes circenses e música da Patagônia, Argentina. Gravaram seu primeiro disco intitulado 'Miztura Beleza' no Estúdio Comunitário Eco, em Foz do Iguaçu, em 2013 quando retornavam de uma turnê pelo Brasil.

⁶ O casal Seu Zé e Dona Lidionete são membros fundadores da Biblioteca Comunitária CNI e vivem na casa em frente a Biblioteca, no bairro Cidade Nova em Foz do Iguaçu.

⁷ Capivara Preta - Kapivara Kartonera é um selo editorial e movimento literário de Foz do Iguaçu com foco na literatura afro-latina e caribenha. Gerenciado pelo Coletivo No Hay Frontera produz livros artesanais, oficinas e exposições.

artesanais dos membros do coletivo e também de escritores e poetas de vários países. Junto ao Coletivo Nós Amefricanas⁸ lançamos várias coletâneas de escritoras e escritores negros, do Brasil, América-Latina e Caribe.

Estivemos presente em momentos importantes na movimentação cultural e política da cidade como na organização das Calouradas Pretas que culminou na retomada dos bailes afros em Foz. A partir daí surgiu todo um circuito de bailes de música negra, bailes latinos e caribenhos, tocando além de rap toda uma vertente de músicas de origem amefricana, que iniciou com a *Fiesta Afrolatino-americana e Caribenha* na inauguração do Sudacas Bar em março de 2016 e com a Festa Preta organizada pelo coletivo Afoxé Ogún Fúnmilaiyó⁹. O nosso *hermano* haitiano Johnny Le Majeste escreveu um texto após a realização do baile onde diz: “Cumbia da Colômbia, salsa da Venezuela e outros países latinos, o forró do nordeste, samba, capoeira, rap e funk, estavam tod@s na lista tocando ritmo depois de ritmo. Será que o Sudacas se tornará o novo centro cultural da integração de Foz do Iguaçu? Onde irão pousar essa comunidade afrolatinoamericana e indígena?”. E realmente o Sudacas se tornou um espaço importantíssimo para se fazer ecoar nossas vozes, danças e ritmos, acolhendo a música, cinema e culinária do continente.

O Hermano venezuelano Jecke escreveu em sua ‘Carta Preta’ (Cartonera Amefricanxs - Abril de 2018) “A Comuna é um dos tantos corações de onde partiu a ideia potência de escudrinhar nas nossas ancestralidades plasmadas em músicas afro-latinas. É importante nomear a produção de um tema musical chamado ‘MaracaRap’ que fizemos em conjunto com o grupo musical Maracatu Alvorada Nova”. Essa fusão se deu no Teatro Barracão no encontro denominado ‘Noite dos Tambores’ somando o tambor eletrônico do rap ao tambor ancestral do maracatu.

O *parce* colombiano Santiago Gomez González em entrevista à Revista Perifa (edição 3, maio de 2021), falou sobre sua passagem por Foz do Iguaçu e participação no Coletivo: “Compartilhávamos das mesmas ideias e pensamentos, o que nos levou a criar a ‘Comuna’, um espaço autônomo e coletivo, regido segundo os princípios de um mundo onde não haja fronteiras. A partir de nossas diferentes vivências e formações,

⁸ O Coletivo Afrolatinxs Caribenhxs e Amefricanxs de Foz do Iguaçu tem como objetivo divulgar informações e construir atividade na luta interseccional anti-racista.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/273086716233548/about/>>. Acesso em: 02 out. 2021.

⁹ Afoxé Ogún Fúnmilaiyó - Os Afoxés são blocos formados por adeptos e simpatizantes das Casas de Candomblé que saem para brincar o carnaval. Por obedecer ao “xiré” (ordem dos cânticos e danças dos Orixás de Exu a Oxalá) os Afoxés são chamados de Candomblés de rua. O ritmo usado é o Ijexá (um ritmo leve e compassado ligado a Oxum e a outros Orixás). Disponível em: Estatuto da Associação Cultural Afoxé Ogún Fúnmilaiyó.

nos esforçamos para produzir canções, que no final compuseram um trabalho chamado ‘No Hay Fronteras’ e também um pequeno livro de poesias chamado ‘Hermanos’”. O livreto Hermanos emprestou nome para o documentário produzido pelo venezuelano Luiz Damico e o brasileiro Rafael Gomes em 2015, onde narra o cotidiano da Comuna e as produções do Estúdio Comunitário ECO. Tivemos ainda a oportunidade de participar do documentário *Portuñol* (2020) dirigido pela cineasta porto-alegrense Thaís Fernandes. Premiado no Festival de Gramado, o filme acompanhou a cultura das cidades de fronteira que falam o portunhol.

E é assim mesmo, no canto falado, na rima, em portunhol, guarani, espanhol, português, pretuguês, portunhafro, crioulo e francês haitiano, gírias e dialetos, que vamos construindo a poética da integração, juntando nossas forças e saberes, anseios, divergências e convergências para a construção da ‘Pátria Grande’. Colocando o hip-hop – que é um dos pontos em comum de toda comunidade pobre do continente – como uma ferramenta de transformação, reivindicação, protesto, criação, proposição e engajamento social. Lutando junto com a comunidade – acadêmica ou não – pela diversidade, respeito às diferenças, igualdade racial, paridade, justiça social, e por um mundo integrado, na contramão das fronteiras da segregação.

Trechos de letras do Coletivo No Hay Frontera

O horizonte é o front, em frente enfrento
Eu corro contra o vento, sustento
Que flua a música, a luta, o sorriso, o alimento
O que nos dá alento, talento
O rap, o hip-hop, nosso movimento
Atento a cada momento, fomento
Postura, cultura do enfrentamento
O sistema vai cair, vai ruir, eu só lamento
Apresento o fermento pro nosso crescimento
Família que partilha o pão e o conhecimento
Escurecimento e discernimento
Do que é luta séria e o que é entretenimento
Bem vindo a La Comuna, a luna é linda e o fundamento
Abono pra crecer en corazón el sentimiento
O canto que canto nos cantos, o encantamento, os fragmentos
Represento os elementos, ruas de terra e de calçamento
Um hino afrolatino, o corpo o instrumento
Somos revolução, evolução do pensamento
Fogo na babilônia, na selva de cimento
Na polícia que mata e seu batalhão sangrento
Se somos o tormento, não ficamos isentos
La lucha não tememos, tenemos el posicionamiento
O questionamento pro fortalecimento

Abra sua mente sai do estacionamento

Frontera en las venas derramadas en trincheras
Las batallas conquistadas en nuestras escuelas
Que cambien las monedas, la comida e la lengua
Somos la misma tierra, el pensamiento se encuentra
Limites, são limites de los militares
Interesses personales, preconceitos generales
Batidas ilegales são acciones salvages
Condiciones desiguales para los de las calles

Foi aqui que eu nasci, à margem, à beira
Pós a ponte que esconde a imagem verdadeira
Da cidade turismo, do cinismo que cheira
Como una fruta podrida adquirida na feira
Somos um povo sofrido viviendo assim sin bandeira
Pros algozes nossas vozes é o cipó de aroeira
Do quilombo no lombo de quem cria as fronteiras
Pra somar, pra sonar en las calles enteras

Es la fuerza que rompe intra-consciente corriente
Mi mente y tu mente un puente, movimiento caliente
Corazones latente, pasiones latente, creciente, ardiente
Adrenalina en torrente,
Vibración natural, nuclear, volar y imaginar navegar
Criar mirada en el mar
Ja no sé lo ques odiar, ja no sé o que es amar
La tarea es repensar, la tarea es recrear
Lacrear pa repousar en el río
Bailando com el gentío
Cuerpo cósmico que és frio, quebra com libre albedrío
Mi memória, mi sentir, es lo único mío
Bajo la luz de la luna brillará rebelión
Organización, desmantelación fyah Babylon
Nunca aprendo la lección, fuck sistema lección
Respeito a cosmovisión
Epidemia, pandemia, inoculación
Renacimos espíritu contra a inquisición, colonización
Este es como un espiral, religioso, espiritual
Los rolê en la calle formam parte do ritual
Sinta tu cuerpo e tu alma dejalo vibrar
La vida es mucho más que obedecer pa respirar
La polución de Babylon.

Referências

FIGUEIREDO, C. A. P. (Jecke). **Carta Preta**. Cartonera Amefricanxs. Foz do Iguaçu: Editorial Capivara Preta, 2018.

GONZÁLEZ, S. G. El Viajero. [Entrevista concedida a] Pedro Silva. **Revista Perifa**, v. 3, 2021.

Movimento Hip Hop na América Latina desde as fronteiras sociopolíticas e culturais

Coletivo No Hay Frontera e o Hip Hop como ferramenta para a integração latino-americana

DOI: 10.23899/9786589284178.5

LE MAJESTE, J. **Festa Preta - Nosso Relato**. Foz do Iguaçu, 2016.

NO HAY FRONTERA. **Deja-lo que Fluya**. Foz do Iguaçu: Estúdio Comunitário ECO, 2015.

NO HAY FRONTERA. **No Hay Fronteras**. Foz do Iguaçu: Estúdio Comunitário ECO, 2015.